

**Pedro Ivo Pahor Pereira da Costa**

**A MULHER ATLETA E A MÍDIA**

Relatório de Pesquisa apresentado ao Programa  
“Ensinar com Pesquisa” da Universidade de São Paulo –  
Curso de Bacharelado em Esporte da Escola de  
Educação Física e Esporte da Universidade de São  
Paulo

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Rúbio

**São Paulo**

**Abril/2009**

## ***Agradecimentos***

*Nossos agradecimentos:*

*Ao Programa “Ensinar com Pesquisa” da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, Edital de 2008, pelo financiamento de nossa pesquisa através da manutenção mensal de uma bolsista para realização do estudo.*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kátia Rúbio pelo apoio dado durante o processo de pesquisa e na obtenção dessa bolsa.*

## **RESUMO**

O projeto *Mulheres Olímpicas Brasileiras* tem por objetivo recuperar a memória das atletas olímpicas que representaram o Brasil em várias edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e por meio dessas histórias individuais discutir o movimento de construção e manutenção do imaginário esportivo brasileiro no que se refere a participação feminina, ocupando uma lacuna de estudos relacionados com o tema no âmbito da Universidade de São Paulo. Parte integrante do *Mulheres Olímpicas Brasileiras*, esse trabalho visa analisar a forma como feminilidade no esporte de alto rendimento é tratado pela mídia em suas variadas formas, como parte de um processo múltiplo e complexo que envolve numerosos fatores. Utilizando matérias de cunho jornalístico vinculadas nas mais diversas mídias bem como artigos científicos brasileiros e internacionais relacionados ao tema, nota-se que o esporte, enquanto área reservada masculina, é uma ferramenta de manutenção de uma dominação simbólica dos homens sobre as mulheres, atribuindo-as um aspecto de mulher objeto. Também tida como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino, na transformação do esporte em espetáculo, a presença feminina recebe da mídia, usualmente, um papel promocional, sendo um atrativo a mais ao evento, com os discursos jornalísticos apontando para isso.

**Palavras chave:** Mulher, Esporte, Mídia

## **INTRODUÇÃO**

Nos Jogos Olímpicos de 1900, em Paris, França, as francesas Filleaul Brohy e Marie Ohnier competiram em provas de croqué e se tornaram as primeiras mulheres a disputar um evento olímpico. Em 11 de julho de 1900, a primeira mulher recebia um ouro olímpico. Foi a britânica Charlotte Cooper, vencedora nas finais de simples e duplas mistas do tênis nos Jogos de Paris.

Porém, a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos nunca foi algo simples. Se na Grécia Antiga não podiam sequer assistir às competições, a edição inicial dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, disputada entre dias 6 e 15 de abril de 1896 era um pouco mais liberal, somente não permitindo que competissem. O próprio fundador do movimento olímpico, o francês Pierre de Frédy, mais conhecido como Pierre de Coubertin (1863-1937), era reticente à idéia de ver mulheres competindo. Elas

começaram atuando em esportes alternativos do programa olímpico, como o tênis, o golfe e o tiro com arco. Só entrariam nas chamadas "modalidades nobres" mais tarde: na natação, em 1912, e no atletismo, só em 1928. Na Antiguidade, existia os Heraia, que eram jogos reservados às mulheres. Por jogos, entenda-se uma única prova, a corrida de estádio, em que percorriam 160 metros. Essa prova, nos Jogos Olímpicos era de 192 metros e foi reduzida para as mulheres devido à sua inferioridade física (SWADDLING, 2000).

A idéia de inferioridade feminina existia na Antiguidade e ainda existe em toda a sociedade, em maior ou menor grau, exemplificando com as chamadas “profissões masculinas”, entre elas no esporte, que vem se constituindo como uma área reservadamente masculina, como afirmam DUNNING e MAGUIRE (1997). Ainda em relação ao esporte, RUBIO e SIMÕES (1999) afirmam que "a mulher já foi considerada como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino". Nos esportes coletivos, além de usurpadora, as atletas foram e são constantemente atacadas, uma vez que o poder das mulheres em grupos sempre representou uma grande ameaça à estrutura patriarcal (COSTA & GUTHRIE, 1994).

Contudo, atribuir esse afastamento da mulher apenas à questão física é um erro. Conforme citado anteriormente, nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, a sua participação era vedada também por uma questão social. Segundo LACERDA (1988), para os helênicos, a participação estava associada à cidadania, que estava vinculada ao exercício da função guerreira não permitida às mulheres, cuja função era ser mãe. Dessa forma, temos que a mulher ficava afastada dos Jogos não somente por alguma inadequação biológica, mas por serem os Jogos um evento público de direito dos cidadãos, sendo a proibição um ato político.

Forma semelhante pensava Barão Pierre de Coubertin, tendo como base o pensamento vitoriano. Para ele, os Jogos eram como um fórum apropriado para representar a esfera competitiva masculina, onde se projetou no esporte questões relacionadas a política como força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade (BIRREL & THEBERGE, 1994). VALPORTO (2006) também diz que Coubertin afirmava ser o esporte uma atividade reservada aos homens e à construção da virilidade masculina, porém, afirma que os ideais de Coubertin representavam os ideais e as representações de uma época e não era contra a participação das mulheres nas atividades físicas e nos esportes. Sua ressalva era em relação à exposição pública das mulheres em competições esportivas nos Jogos Olímpicos.

No século XX, que foi um importante marco para a história no tocante às questões políticas e sociais, temos o começo da participação da mulher no esporte competitivo. Em época de grandes mutações, a transformação dos papéis femininos, bem como as atitudes e a percepção que as mulheres têm de si próprias, sofreram profundas transformações. A extensão desse exercício de gênero atinge as esferas social, econômica e política, e o esporte – um dos maiores fenômenos sociais do século – também passou a ser parte importante desse conjunto.

Contudo, ainda não vivenciamos um período de respeito pela diferença entre gêneros. No caso brasileiro, inclusive, a participação da mulher como praticante esportiva já esteve sob o crivo da lei e da opinião pública, especialmente aquelas modalidades tidas como masculinas. Já na segunda metade do século, no ano de 1964, o CND (Conselho Nacional de Desportos) chegou a proibir a prática do futebol feminino no Brasil. Para essa situação oficial mudar levou algum tempo, já que apenas em 1981 essa decisão foi revogada. Ainda na primeira metade do século passado, a idéia de não equidade entre os gêneros pode ser demonstrada em uma carta enviada por um cidadão brasileiro de nome José Fuzeira, no dia 25 de abril de 1940; ao então presidente brasileiro Getúlio Vargas, em que pedia que as mulheres fossem proibidas de jogar futebol, um dos esportes tidos como “masculino” (SUGIMOTO, 2003).

*“[Venho] Solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraíndo-as para se transformarem em jogadoras de futebol sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes”.*

Mesmo no âmbito acadêmico existia o conceito da inferioridade feminina e sua falta de condição em desenvolver atividades “masculinas”.

*Deve ser terminantemente proibida a prática do futebol, rugby, polo, water-polo, por constituírem desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino (REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, 1941, p.78).*

## **ESPORTE “MASCULINO” ?**

Nesse ponto, é interessante comentar sobre o que seriam modalidades “masculinas”. Denominar uma modalidade de “masculina” denota, segundo HEILBORN (1994), naquilo que é chamado de masculino foi associado aos homens, por meio de uma intensa intervenção cultural que, ao suplantando a biologia do macho e da fêmea realizou a condição de ser homem ou mulher no mundo da cultura humana. Aí temos o apontamento para o fato que a condição “natural” do ser humano é criar e realizar-se por meio da cultura (BERGER & LUCKMANN, 1978), e que, uma das noções mais fortes presentes nas culturas humanas Ocidentais coloca em polaridades opostas o masculino e o feminino, em algo essencialmente cultural, levando a uma construção social que considera somente as características biológicas e as demais.

A essa altura, notamos que chamar algo de masculino ou feminino mostra que existem apreciações sobre os atributos de homens e mulheres que vão além das categorias macho e fêmea do mundo biológico, e que são traduzidas pelo conceito de gênero. É por meio da generificação de atividades, normas, símbolos e atitudes dos seres humanos que se consagra aquilo que é masculino ou feminino em cada cultura. Vale lembrar que o desenvolvimento do conceito de gênero iniciou-se exatamente na contraposição a biologização das identidades psicossociais a partir do sexo de cada pessoa. Desta forma, a autora deixa entrever o que afirmará mais adiante, isto é, que o feminino e o masculino não são dados a priori, afirmações ou representações já existentes, algo como papéis construídos sobre as identidades biológicas. Exatamente por serem construtos sociais, as identidades de gênero são históricas, mutantes e mutáveis (KNIJNIK, 2004). LOURO (1996) avança comentando que não existe “o” masculino tampouco “o” feminino, mas uma multiplicidade de jeitos e modos de se expressar estas identidades.

Ou seja, cada pólo contém inúmeras formas de se vivenciá-lo, os atributos femininos e masculinos são vários e variáveis.

## **MÍDIA E ESPORTE**

Dentro do crescimento do fenômeno esportivo, tem-se uma crescente necessidade de acompanhar os seus principais acontecimentos. Neste contexto, a mídia desempenha um importante papel na divulgação, popularização e massificação (BOSCHILISA & MEURER, 2006). Essa relação entre esporte e mídia, caracterizada por BETTI (1998) como "simbiótica", já que irá definir os rumos a serem trilhados pelo esporte na sociedade contemporânea, especialmente no plano econômico. Citando HESLING, BETTI (1998) afirma: "O esporte transformou-se num espetáculo modelado de forma a ser consumido por telespectadores que procuram um entretenimento excitante, e é parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo fator decisivo para isso o papel desempenhado pela mídia".

A mídia fundamenta-se como um espaço significativo na esfera social, sendo as relações que estabelece com os mais diversos campos é determinante na configuração da sociedade atual. As tentativas de compreensão desta sociedade, seja dos seus aspectos sociais, políticos, econômicos ou culturais, tem na mídia um componente capital e indivisível. Ao mesmo tempo em que nos permite interpretar as relações que estabelece ao longo de toda a cadeia social, a mídia é, concomitantemente, elemento de destaque no complexo conjunto de determinações que impulsionam estas relações nos mais diversos âmbitos (BOSCHILISA & MEURER, 2006).

Dessa maneira, temos que o esporte, especialmente o de alto rendimento, está intimamente ligado à mídia, e essa relação demonstra a face do esporte moderno como um produto da sociedade. Essa relação carrega mudanças significativas ao esporte. As regras e os eventos são elaborados em função das possibilidades midiáticas que podem gerar. Como exemplo, podemos citar a mudança do sistema de pontuação do voleibol, que eliminou a vantagem a fim de agilizar as partidas, tornando-as mais chamativas à transmissão televisiva.

O comentário acima levanta questões acerca do direcionamento dado pela imprensa em relação a cobertura esportiva. Se o esporte é um espetáculo para ser consumido, nada mais lógico do que centrar a informação naquilo que seja consumível e a participação da mulher-atleta também será fortemente atrelada a quantidade de consumo gerada.

FOUCAULT (1979: 180) diz que “temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para poder produzir riquezas”. Com isso, fica entendido que por o homem possuir um maior poder financeiro-econômico e maior espaço na mídia, é ele quem cria as verdades e as riquezas. Esse poder patriarcal, em muitos casos, faz com que o comportamento da mulher atleta seja julgado dentro de parâmetros masculinos, ou seja, para alguns o reconhecimento profissional ocorre em função da masculinização da mulher atleta, só assim lhes sendo permitido sucesso e competência. Para outros, o sucesso vem como resultado da beleza da atleta, onde ter um rosto e um corpo bonito, que respondam aos códigos machistas, já lhes "garante" bons resultados e sucesso.

Essa visão é facilmente constatada em qualquer análise feita junto à imprensa sobre o tratamento despendido à mulher atleta, tida diversas vezes na função de um objeto sexual, especialmente em modalidades tidas culturalmente com a alcunha de “femininas”; ou são referidas como “sapatões”, em modalidades “masculinas”, como o futebol.

### **A IMPRENSA ESPORTIVA É PRECONCEITUOSA?**

SOUZA e KNIJNIK (2003) analisaram o caderno de esportes do jornal Folha de São Paulo no período 26 de agosto a 09 de setembro de 2002, com um total de 387 reportagens observadas. Essa mostra “apresentou uma significativa disparidade entre o espaço que este jornal fornece ao esporte masculino (81,39%), contra somente 14,21% do espaço de esportes para as atletas ou modalidades femininas”. Nesse período analisado, havia uma série de eventos esportivos femininos de grande porte nos âmbitos nacional e internacional. No Brasil, disputava-se a Liga Nacional de vôlei; pelo mundo, ocorriam as fases finais da WNBA, o Mundial da Alemanha de vôlei feminino, o Mundial de futebol feminino Sub-19 e a Seleção Brasileira feminina de basquete se preparava para o Mundial da modalidade, a ser disputada na China. Ainda estiveram em disputa a meia-maratona do Rio de Janeiro, o Aberto de Tênis da Costa do Saúpe, o Aberto dos Estados Unidos de tênis, o Pan-Pacífico de natação, o Mundial por equipes de judô na Suíça. Em relação a isso, os autores colocam que:

*“Mesmo com esta profusão de eventos esportivos para mulheres ou para ambos os gêneros, o maior diário da mídia nacional, em sua sessão de esportes, fez 55 matérias sobre o esporte para mulheres, e*



*315 reportagens sobre o esporte masculino – uma diferença de cerca de 500%”.*

A respeito disso, no II Fórum de Debates sobre Mulher e Esporte: Mitos e Verdades, o médico Osmar de Oliveira (2002, p.33), com muitos anos de vivência dentro de clubes esportivos e trabalhando na imprensa esportiva nacional, afirmou que “por fatores socioculturais, o homem sempre ocupou muito mais espaço na mídia que a mulher”; ou seja, na realidade, a mídia esportiva não discrimina a mulher. Contudo, no mesmo evento, o jornalista esportivo Paulo Calçade (2002, p.29) rechaça essa idéia ao afirmar que “a mídia esportiva é controlada por homens e dominada por um avassalador pensamento machista”.

Fato é que o esporte masculino tem muito mais espaço, seja por fatores socioculturais ou por um pensamento machista. Ou seria o pensamento machista um dos fatores socioculturais.

Conforme mostrado por KNIJNIK (2001), no dia 16 de setembro de 2001, um dos maiores jornais do Brasil, a Folha de São Paulo, publicou em seu caderno de esportes, uma matéria de página inteira sobre futebol feminino, intitulada "FPF institui jogadora-objeto no Paulista". A reportagem descreve que a Federação Paulista de Futebol (FPF), preocupada em dinamizar a modalidade na sua versão feminina, tem como um dos seus principais objetivos no próximo campeonato paulista feminino, o 'embelezamento' das atletas, criando uma vitrine que, segundo o presidente da entidade, Eduardo José Farah, "una a imagem do futebol à feminilidade". Nesse caso específico, “os cartazes e panfletos divulgando testes de seleção para os diversos times que disputariam o campeonato, estampavam uma famosa modelo trajando uniformes esportivos, convocando moças entre 17 e 23 anos a participarem dos processos seletivos”. Cabelo curto? Nem pensar! A idéia era tornar o campo de jogo em uma verdadeira passarela. Em relato ao projeto Mulheres Olímpicas Brasileiras, uma atleta de futebol que defendeu por muitos anos a Seleção Brasileira, sendo medalhista olímpica em Atenas e quarta colocada com a Seleção Brasileira nos Jogos de Sidney, em 2000, comenta sobre a experiência, explicitando ainda mais a real intenção dos organizadores e como as normas da competição atrapalhavam o desenvolvimento do jogo.

*“[...]Isso é uma das coisas que eu me arrependo muito e acho que vou me arrepender eternamente de ter feito dentro do futebol feminino, que*

*foi ter participado desse campeonato. Então, todas as jogadoras tinham que fazer teste, independente do que independente do que...né?! Eu já tinha três anos de Seleção, quatro anos de Seleção, tinha que fazer teste; tinha limite de idade, se eu não me engano era de 22 ou 23 anos; meninas com cabelo curto não podiam jogar; eles davam preferência no teste pra meninas de cabelo comprido, bonitas, olhos claros tudo essas coisas, e eu, muito tempo sem jogar, achei que não, vai ser legal, vai ser o retorno. Fui, fiz o teste, joguei no time do Corinthians. Todas as equipes usavam uniformes que eram um parâmetro pra todos, que eram shorts assim, extremamente curtos, não tinha como praticar a modalidade, ainda mais eu que sou zagueira, que costumo dar muito carrinho. O primeiro carrinho que eu desse eu ficava sem roupa. Uma camiseta minúscula, tudo isso pra levar homens pro estádio e pros homens olharem as mulheres e não em si o futebol. Enfim, o campeonato foi uma catástrofe, depois dali o futebol feminino caiu de novo, ficamos até 2003 sem campeonato nenhum.[..]”*

KNIJNIK (2001) concorda com a atleta e relata que “a mensagem é bem clara: a campanha quer mostrar que é possível jogar futebol e possuir características femininas. Aliás, são os próprios dirigentes que ressaltam que 'teremos um campeonato tecnicamente bom, e bonito'". Esse “embelezamento” é um processo exclusivo das equipes femininas no Brasil. Nenhuma equipe, Seleção nacional ou competição masculina faz uso de tal recurso em detrimento das qualidades atléticas, técnicas e táticas dos atletas. No caso feminino, outras variáveis estão presentes. No relato também temos um deles, a erotização dos uniformes esportivos, que é uma realidade e HAGEN, segundo EMERY (1994), levanta que, apesar de pretensamente aumentar o público dos esportes femininos, na verdade presta um desserviço às atletas, pois faz com que estas sejam reconhecidas mais pelos seus dotes físicos do que pelas suas proezas atléticas. Por necessidade, as atletas precisam de corpos fortes que lhes garantam condições competitivas. Por outro lado, são pressionadas pela sociedade e pelos valores vinculados na imprensa a encaixarem seus corpos dentro de um padrão mais frágil e sensível correspondente ao ideal feminino impregnado na sociedade. Estas contradições na imagem corporal da esportista são marcantes no imaginário das atletas modernas, e inclusive demonstram o quanto a batalha pela inclusão total da

mulher no esporte de competição permanece viva na atualidade. Uma luta que garanta a presença da mulher neste meio esportivo com plenos direitos, sendo valorizada pelo seu desempenho e não desmerecida por comentários preconceituosos, processos seletivos absolutamente incoerentes e ofensivos a sua condição humana e atlética.

O processo de mínima cobertura de todas as mídias em relação ao esporte feminino acarreta a perda de valor e de força da mulher atleta e da sua modalidade. Longe dos holofotes, especialmente aquelas que não se enquadram como *musas*, ela encontra sérias dificuldades em conseguir patrocínio, bons salários e condições de trabalho, prejudicando o desenvolvimento de seu potencial esportivo. Além disso, a quase invisibilidade da mulher atleta torna algo muito difícil a uma atleta atingir a condição de modelo, de heroína desportiva. Sem esses exemplos, a chance de identificação e de inspiração para o aparecimento de novas atletas é severamente atrapalhado, resultando em poucas atletas, em pouco interesse e em pouca cobertura da mídia, um verdadeiro ciclo vicioso que só será interrompido caso o esporte feminino possua uma cobertura semelhante, assim como condições de prática satisfatórias. Mais do que isso, atrapalha a condição de estabelecer um elo mais forte entre o esporte e toda uma geração de meninas que cresce com pouquíssimos “espelhos”.

## **CONCLUSÕES**

Para a mídia, a mulher-atleta é uma personagem de segunda ordem, com usual desvalorização de suas capacidades atléticas em relação à seus atributos físicos, demonstrando um claro exemplo de sexismo, elemento base da cultura patriarcal. ROMERO (2006) mostra, por meio da análise de fotos e textos divulgados pelo jornal “O Globo” durante os Jogos Olímpicos de 2004, disputados em Atenas, Grécia, entre os dias 13 e 29 de agosto, que “a imagem da atleta do sexo feminino é destacada, se aliada à sua performance, fizer parte de seu visual o conceito de beleza em voga. Desse modo, não tendo um padrão de feminilidade que interesse à imprensa, as mulheres recebem menor atenção, constituindo-se numa relação de poder na qual é decidido o que veicular. Em tempos de transição social no esporte, quando muitas mulheres estão fazendo um formidável esforço para minimizar determinadas noções de diferenças entre os sexos, e por sua vez, numa época em que os homens estão lutando para mantê-las, o papel da mídia não pode ser esquecido”.

Papel esse que é o de refletir a sociedade e lhe proporcionar voz. Essa função, no meio esportivo, em especial no alto rendimento, garante visibilidade, algo essencial para a manutenção e para o desenvolvimento de qualquer modalidade e dos e das atletas envolvidas, tendo em vista que quanto maior for a exposição pela mídia, maior será a oferta de patrocínios, fundamentais para a melhora de seus resultados.

A melhora das marcas acarreta também a criação de heróis desportivos, servindo de estímulo para que mais pessoas se interessem pelo esporte, porém, isso não vem acontecendo com o esporte feminino, que segue tendo pouca cobertura. Assim, afastadas do grande público, muitas são forçadas a ter outras atividades para sobreviverem, prejudicando seus treinamentos e atrapalhando seu rendimento nos campos, quadras e pistas. Com poucas mulheres brasileiras atingindo a condição de modelos, temos uma redução das chances de gerar identificação nas jovens, atrapalhando o surgimento de novas atletas, mantendo uma espécie de ciclo vicioso que atrasa o seu desenvolvimento. Ciclo esse, conforme afirmam URQUHART e CROSSMAN (1999), *só será quebrado quando o esporte praticado por mulheres tiver as mesmas oportunidades do esporte praticado por homens, também no que tange a cobertura por parte da imprensa.*

Tudo isso em um setor que aparenta ser mais retrogrado do que diversos outros setores profissionais de nossa sociedade, onde a mulher já apresenta um nível de relevância e de atenção mais acentuado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

SWADDLING, J. The Ancient Olympic Games. University of Texas Press, 2000  
BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

BOSCHILISA, B. e MEURER, S.S. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. *Revista Digital*, Buenos Aires, Ano 11, n. 97, Junho de 2006

DUNNING, E. e MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. In: *Estudos Feministas*, vol. 5, n. 2. Florianópolis: UFSC, 1997, p. 321-348

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. In: *Movimento*, ano V, n. 11, 1999. p. 50.

- COSTA, D. M.;GUTHRIE, S. R. Women and sport:interdisciplinary perspectives. Champaign: Human Kinetics, 1994.
- LACERDA, S. E na Grécia antiga? Ciência Hoje. v.8,n 43, 1988
- BIRRELL,S. e THEBERGE, N. Ideological control of women and sport. In: COSTA,D.M. e GUTHRIE, S.R. (eds.) *Women and sport: interdisciplinary perspectives*. Champaign : Human Kinetics, 1994.
- José Fuzeira, carta datada de 25/04/1940 In - SUGIMOTO, Luiz. Eva futebol clube, 2003
- REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 59, Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1941.
- VALPORTO, O. Atleta, substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- HEILBORN, M.L De que gênero estamos falando? Sexualidade, Gênero e Sociedade. 1 (2), p. 1-6, dez. 1994.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. A Construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LOURO, G.L Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J., MEYER, D. & WALDOW, V. (Orgs.). Gênero e Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 12-19.
- KNIJNIK, J. D. Rosa versus azul: estigmas de gênero no mundo esportivo. In: FÓRUM MULHER & ESPORTE. Mitos e verdades: um novo pensar no terceiro milênio, 3, 2004, São Paulo, Anais..., [s.n.], 2004, p. 63-67.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Ltda, 18. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- OLIVEIRA, O. A mídia esportiva. In: II Fórum de Debates sobre Mulher e Esporte: Mitos e Verdades. São Paulo, 2002, p. 33-34.
- CALÇADE, P. O “nosso” e o “delas”. In: II Fórum de Debates sobre Mulher e Esporte: Mitos e Verdades. São Paulo, 2002, p. 29-30.
- KNIJNIK, J. D. Mulheres no esporte: uma nova roupa velha. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - ano 7 N. 42. Novembro de 2001.
- EMERY, L. From Lowell Mills to the Halls of Fame: Industrial League Sport for Women. In:Margaret COSTA & Sharon GUTHRIE (ed). Women and Sport: Interdisciplinary Perspectives (107 - 121). Champaign, Human Kinetics, 1994.
- ROMERO, E. A hierarquia dos gêneros nos Jogos Olímpicos de 2004 e a imprensa esportiva. Olympic Studies Centre CEO-UAB. Disponível em : <http://olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/6.pdf>. 2006. Visualizado em 08/08/2008

URQUHART, J. e CROSSMAN, J. The Globe and Mail coverage of the winter Olympic games: a cold place for women athletes. *Journal of Sport & Social Issues*. V. 23, n. 2, pp. 193 a 202, 1999.

SOUZA e KNIJNIK, J. D. Duas semanas de cobertura esportiva da Folha de São Paulo analisadas sob a ótica de gênero. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Esportiva, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.